DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

91.

PIO XII

Sobre o Desporto e a Educação Física

1953

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA
CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI LAURO OSTERMANN, O. F. M.
PETRÓPOLIS, 25-4-1953.

Oitocentos Professores de Educação Física e Médicos Desportivos, reunidos no Congresso Científico Italiano de Desporto e Educação Física, foram recebidos por Pio XII no dia 8 de Novembro de 1952, que, então, em importante discurso, situou o desporto e a ginástica perante a consciência religiosa e moral. Oferecemos a versão feita pela secção de língua portuguesa da Rádio Vaticano.

Pio XII

SOBRE O DESPORTO E A EDUCAÇÃO FISICA

INTRODUÇÃO

1. E' de todo coração que vos damos as boas-vindas, ilustres Senhores, reunidos na Cidade eterna pelo mesmo nobre ideal, e hoje vindos à Nossa presença guiados por idêntico sentimento filial, a fim de Nos prestar a vossa homenagem e ao mesmo tempo dar-Nos mais uma vez o grande prazer que sempre sentimos quando Nos encontramos no meio de grupos escolhidos de especialistas em todos os ramos do saber que têm por objeto o "homem".

2. O vosso Congresso científico nacional, consagrado às atividades gimnico-desportivas, corresponde sem dúvida a uma necessidade do nosso tempo, oportunamente salientada pela sensibilidade da vossa consciência, que bem sabe o que o desporto e a ginástica significam especialmente para um povo moderno; quanto a sua prática está difundida em todas as classes, quão vivo é o interesse que despertam por toda a parte, quão importantes e variadas as repercussões que deles derivam quer para as pessoas quer para a sociedade. Basta indicar as formas variadíssimas, que o exercício do desporto abrange na sua vasta extensão: ginástica de quarto, ginástica escolar, exercícios livres; exercícios com aparelhos, corrida, salto, escalada, ginástica rítmica, marcha, equitação, esqui e outros desportos invernais, natação, remo, esgrima, luta, pugilato, e muitos outros ainda, entre as quais as tão populares do futebol e do ciclismo. O interesse com que é

fomentada atividade tão intensa é demonstrado pela imprensa. Já não há, pode dizer-se, jornal algum que não tenha a sua página desportiva, não sendo por outro lado poucos os jornais destinados exclusivamente a este assunto, sem falar das frequentes transmissões radiofônicas, que informam o público sobre os acontecimentos desportivos. Além disso o desporto e a ginástica não são praticadas só individualmente; há também associações próprias, desafios e festas, algumas locais, outras de caráter nacional ou internacional, e finalmente os ressuscitados Jogos Olímpicos, cujas vicissitudes são aguardadas com viva ânsia pelo mundo inteiro.

3. Que fim têm em vista os homens com tão ampla e difundida atividade? O uso, o desenvolvimento e o domínio — por meio do homem e ao serviço do homem — das energias encerradas no corpo; a alegria que deste poder e desta ação deriva, não diversa da que experimenta o artista, quando usa, dominando-o, o seu instrumento.

4. Que quis o vosso Congresso? Investigar e pôr em evidência as leis, com que o desporto e a ginástica devem conformar-se, para que atinjam o seu fim; leis que se deduzem da anatomia, da fisiologia e da psicologia, segundo as conquistas mais recentes da biologia, da medicina e da psicologia, como o vosso programa demonstra amplamente.

5. Mas vós quisestes também que Nós acrescentássemos uma palavra sobre os problemas religiosos e morais que nascem da atividade gímnico-desportiva, e indicássemos as normas aptas para regular tão importante matéria.

Observação Preliminar.

6. Aqui, como noutros casos, para chegar a claras e seguras deduções, deve pôr-se como base o seguinte princípio: tudo o que serve para a consecução dum fim determinado, deve tirar do mesmo fim a regra e a medida. Ora, o desporto e a ginástica têm, como fim

próximo, educar, desenvolver e fortificar o corpo, sob o ponto de vista estático e dinâmico; como fim mais remoto, a utilização, por parte da alma, do corpo assim preparado para o desenvolvimento da vida interior ou exterior da pessoa; como fim ainda mais profundo, contribuir para a sua perfeição; por último, como fim supremo do homem em geral, e comum a todas as formas de atividade humana, aproximar o homem de Deus.

7. Estabelecidas assim as finalidades do desporto e da ginástica, segue-se que se deve aprovar neles tudo o que é útil à consecução dos fins indicados, naturalmente dentro do limite que lhes compete; deve pelo contrário rejeitar-se tudo o que não conduz àqueles fins ou deles distrai ou sai do limite que lhes é determinado.

8. Querendo agora descer às aplicações concretas dos princípios enunciados, julgamos oportuno considerar separadamente os principais fatores que intervêm nas atividades gímnico-desportivas, e que se podem comparar, como já indicamos, e apesar das numerosas diferenças, àqueles que concorrem no exercício da arte. Neste deve distinguir-se o instrumento, o artista e o uso do instrumento. Na ginástica e no desporto, o instrumento é o corpo vivo; o artista é a alma, que forma com o corpo uma unidade de natureza; a ação é o exercício da ginástica e do desporto. Consideremo-los portanto sob o aspecto religioso e moral, e vejamos quais os ensinamentos que deles se podem tirar para o corpo, para a alma e para a sua atividade no campo gímnico-desportivo.

O Corpo.

9. O que é o corpo humano, a sua estrutura e a sua forma, os seus membros e as suas funções, os seus instintos e as suas energias, ensinam-no claramente as ciências mais diversas: a anatomia, a fisiologia, a psicologia e a estética, para não mencionar senão as mais importantes. Estas ciências presenteiam-nos cada dia com novos conhecimentos, e levam-nos

de maravilha em maravilha, mostrando-nos a esplêndida estrutura do corpo e a harmonia das suas partes, mesmo nas mais pequenas, a imanente teleologia, que exprime ao mesmo tempo a rigidez das tendências e a capacidade extensíssima de adaptação; descobrindo-nos centros de energia estática ao lado do impulso dinâmico de movimento e de ímpeto para a ação; revelando-nos mecanismos, se assim pode dizer-se, de tal fineza e sensibilidade, mas também de tal potencialidade e resistência, que não se encontram em nenhum dos aparelhos mais modernos de precisão. No que diz respeito à estética, os gênios artísticos de todos os tempos, na pintura e na escultura, embora tenham conseguido aproximar-se magnificamente do modelo, reconheceram eles mesmos a inexprimível fascinação de beleza e vitalidade que a natureza deu generosamente ao corpo humano.

10. O pensamento religioso e moral reconhece e aceita tudo isto. Mas vai muito mais além: ensinando a reportá-lo à sua primeira origem, atribui-lhe um caráter sagrado, de que as ciências naturais e a arte de per si não têm idéia alguma. O Rei do universo, como digna coroa da criação, formou duma maneira ou doutra, do limo da terra, a obra maravilhosa do corpo humano e inspirou-lhe na face um sopro de vida, que fez do corpo a morada e o instrumento da alma, isto é, elevou com ele a matéria ao serviço imediato do espírito, e com isso juntou e uniu numa síntese, dificilmente explorável pela nossa inteligência, o mundo espiritual ao material, não só com um vínculo puramente exterior, mas na unidade da natureza humana. Elevado assim à honra de ser morada do espírito, o corpo humano está preparado para receber a mesma dignidade de templo de Deus, com aquelas prerrogativas, e até superiores, que competem a um edifício que Lhe é consagrado. Com efeito, segundo a palavra clara do Apóstolo, o corpo pertence a Deus, os corpos são "membros de Cristo". "Não sabeis, exclama ele, que os vossos membros são templo do Espírito, que está em vós e vos foi dado por Deus,

e que não pertenceis a vós mesmos?... Glorificai e trazei a Deus no vosso corpo" (1 Cor 6, 13. 15. 19. 20).

11. E' verdade que a sua atual condição de corpo mortal o envolve no fluxo dos outros seres, que correm irrefreáveis para a destruição. Mas o regresso ao pó não é o destino definitivo do corpo humano, pois que da boca de Deus sabemos que será chamado de novo à vida — desta vez imortal — logo que o disígnio sapiente e misterioso de Deus, que se desenrola de modo semelhante às variações dos campos, for realizado na terra. "Semeia-se (o corpo corruptível, erguer-se-á incorruptível. Semeia-se ignóbil, nascerá glorioso; semeia-se inerte, nascerá robusto; semeia-se um corpo carnal, surgirá um corpo espiritual" (1 Cor 15, 42-43).

12. A revelação portanto ensina-nos, relativamente ao corpo do homem, verdades excelsas, que as ciências naturais e a arte são incapazes por si mesmas de descobrir, verdades que ao corpo dão novo valor e dignidade mais alta, e por conseguinte maior motivo para merecer respeito. Certamente o desporto e a ginástica não têm nada que temer destes princípios religiosos e morais retamente aplicados; é preciso todavia excluir algumas formas que estão em contraste com o respeito mencionado.

13. A sã doutrina ensina a respeitar o corpo, mas não a estimá-lo além do que é justo. A máxima é esta: cuidado do corpo, robustecimento do corpo, sim; culto do corpo, divinização do corpo, não; como também não divinização da raça e do sangue e dos seus pressupostos somáticos ou elementos constitutivos. O corpo não ocupa no homem o primeiro lugar, nem o corpo terreno e mortal, como é hoje, nem o corpo glorificado e espiritualizado, como será um dia. Não é ao corpo formado do limo da terra que pertence o primado no composto humano, mas ao espírito, à alma espiritual.

14. Não é menos importante outra norma fundamental contida noutro passo da Escritura. Com efeito,

lê-se na Carta de S. Paulo aos Romanos: "Vejo nos meus membros outra lei, que se opõe à lei da minha mente, e me torna escravo da lei do pecado, que está nos meus membros" (Rom 7, 23). Não se poderia descrever mais vivamente o drama cotidiano de que é entrançada a vida do homem. Os instintos e as forças do corpo levantam-se, e sufocando a voz da razão, predominam sobre as energias da boa vontade desde o dia em que a sua completa subordinação ao espírito se perdeu com o pecado original.

15. No uso e exercício intensivo do corpo é preciso ter em conta este fato. Assim como há certa ginástica e desporto, que com a sua austeridade contribuem para refrear os instintos, assim também existem outras formas de desporto, que os despertam, quer pela violência do esforço, quer pelas seduções de sensualidade. Mesmo sob o ponto de vista estético, com o prazer da beleza, com a admiração do ritmo na dança e na ginástica, o instinto pode insinuar o seu veneno nos ânimos. Há além disso no desporto e na ginástica, no ritmo e na dança, certo nudismo, que não é nem necessário nem conveniente. Não sem razão, há alguns decênios, um observador completamente imparcial pôde dizer: "O que neste campo interessa às massas, não é a beleza do nu, mas o nu da beleza". Perante tal maneira de praticar a ginástica e o desporto, o sentimento religioso e moral opõe o seu veto.

16. Numa palavra, o desporto e a ginástica devem não mandar e dominar, mas servir e ajudar. E' a sua função, e nisso encontram a sua justificação.

A Alma.

17. Na realidade, que utilidade teria o uso e desenvolvimento do corpo, das suas energias e da sua beleza, se não fosse o serviço de alguma coisa mais nobre e duradoura, como é a alma? O desporto, que não serve à alma, será apenas um vão agitar-se de membros, uma ostentação de esbelteza caduca e uma alegria efêmera. No grande discurso de Cafarnaum,

querendo arrancar os ouvintes dos seus sentimentos baixos e materiais, e levá-los a uma visão mais espiritual, Jesus Cristo formulou um princípio geral: "E' o espírito que vivifica, a carne para nada serve" (Jo 6, 64). Estas palavras divinas, que contêm uma máxima fundamental da vida cristã, valem também para o jogo e para o desporto. A alma é o fator determinante e definitivo de toda a atividade exterior, do mesmo modo que não é o violino que determina o desprender-se das melodias, mas o toque genial do artista, sem o qual o instrumento, mesmo o mais perfeito, ficaria mudo. Semelhantemente, dos movimentos harmônicos dos membros na ginástica, das deslocações ágeis e sagazes nos jogos, das fortes contrações dos músculos na luta, o fator principal e determinante não é o corpo, mas a alma; se ela o abandonasse, ele cairia como qualquer outra massa inerte. Isto é tanto mais verdadeiro, quanto é mais estreito o ligame que os une: no homem é união de substância — por meio da qual ambos fazem uma só natureza — diversa da relação de associação, como entre o artista e o violino. No desporto e na ginástica portanto, como no tocar do artista, o elemento principal e dominante é o espírito, a alma; não o instrumento, o corpo.

18. Fundada sobre tais princípios, a consciência religiosa e moral exige que na apreciação do desporto e da ginástica, no juízo sobre a pessoa dos atletas, no tributo de admiração aos seus cometimentos, seja tomada, como critério fundamental, a observância desta hierarquia dos valores, de modo que o maior mérito não seja atribuído àquele que possui os músculos ágeis, mas ao que também demonstra maior capacidade de sujeitá-los ao império do espírito.

19. Uma segunda exigência de ordem religiosa e moral, fundada sobre a mesma escala de valores, proíbe, em caso de conflito, sacrificar a favor do corpo os interesses intangíveis da alma. Verdade e probidade, amor, justiça e equidade, integridade moral e pudor natural, devido cuidado da vida e da saúde, da família e da profissão, do bom nome e da ver-

dadeira honra, não devem ser subordinados à atividade desportiva, às suas vitórias e às suas glórias. Assim como noutras artes e ofícios, assim também no desporto, é lei imutável que o bom êxito não é segura garantia da sua retidão moral.

20. Uma terceira exigência diz respeito ao grau de importância que compete ao desporto no conjunto das atividades humanas. Não se trata já portanto de considerar e apreciar o corpo e a alma dentro dos limites do desporto e da ginástica, mas de pôr estes últimos no quadro muito mais vasto da vida, e de examinar então que valor convenha reconhecer-lhes. Sob a direção da sã razão natural, e muito mais, da consciência cristã, cada qual pode chegar à segura norma de que o revigoramento e o domínio do corpo exercido pela alma, a alegria da consciência da força que se possui e dos cometimentos desportivos bem sucedidos, não são o elemento nem único nem principal da atividade humana. São auxiliares e acessórios que é preciso certamente ter em conta; mas não valores indispensáveis da vida, nem absolutas necessidades morais. Elevar a ginástica, o desporto, e o ritmo com todos os seus complementos, a fim supremo da vida, seria na verdade pouco demais para o homem, cuja primária grandeza é formada por muito mais elevadas aspirações, tendências e qualidades.

21. E' por isso dever de todos os desportistas conservar este reto conceito do desporto, não já para perturbar ou diminuir a alegria que dele recebem, mas para preservá-los do perigo de desprezar deveres mais altos relativos à própria dignidade e ao respeito para com Deus e para consigo mesmos.

22. Não queremos terminar esta consideração sem dirigir uma palavra a certa categoria particular de pessoas, cujo número infelizmente aumentou depois das duas imanes guerras que enlutaram o mundo, isto é, àqueles que deficiências físicas ou psíquicas tornam inábeis para a ginástica e desporto, e que por isso muitas vezes, especialmente os mais jovens, sofrem

amargamente. Fazendo votos por que a antiga sentença — "Mens sana in corpore sano" — se torne cada vez mais largamente a sorte da geração atual, é dever de todos fixar-se com especial e piedosa atenção naqueles casos em que o destino terreno é diverso. Todavia, a dignidade humana, o dever e o seu cumprimento não estão ligados àquela sentença. São numerosos os exemplos que apresenta a vida de cada dia; além dos espalhados no decurso da história, os quais demostram como nada impede que um corpo enfermo ou defeituoso possa albergar uma alma sã, às vezes grande e até mesmo genial e heróica. Cada homem, embora doente, e por isso inábil para todo o desporto, é todavia um verdadeiro homem, que cumpre, mesmo nos seus defeitos físicos, um particular e misterioso desígnio de Deus. Se ele abraçar de bom coração esta dolorosa missão, aceitando a vontade do Senhor e sendo por ela levado, poderá percorrer mais seguramente o caminho da vida, que para ele foi traçado sobre uma vereda pedregosa e emaranhada de espinhos, entre os quais não é o último a renúncia forçada às alegrias do desporto. Será seu título particular de nobreza e magnanimidade deixar sem inveja os outros gozarem da sua força física e dos seus membros, e até tomar generosamente parte na sua alegria; como também, por outro lado, em troca fraternal e cristã, as pessoas sãs e robustas devem ter e demonstrar para com o doente íntima compreensão e coração benigno. O enfermo "leva a carga" dos outros, e os outros, que na maior parte dos casos, se não em todos, têm não só os membros sãos, mas também — não tenhamos dúvida disso — a sua cruz, sintam prazer em pôr as suas energias ao serviço do irmão doente. "Levai a carga uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gál 6, 2). "E se um membro sofre, sofrem todos os membros juntos, se um membro é glorificado, gozam todos os membros juntos" (1 Cor 12, 26).

A Prática do Desporto

23. Resta dizer uma palavra sobre a prática do desporto, isto é, sobre os seus meios concretos, para que a vossa atividade atinja os fins, conserve a estima e elimine os abusos que há pouco indicamos.

24. Tudo o que diz respeito ao aspecto higiênico e técnico, às exigências que derivam da anatomia, da fisiologia, da psicologia e de outras ciências especiais biológicas ou médicas, fazem parte da vossa competência, e foram objeto das vossas profundas discussões.

25. Por sua vez tudo o que diz respeito ao aspecto religioso e moral, ao princípio de finalidade, já exposto no princípio, dá-vos a chave para a solução dos problemas, que podem surgir no foro da vossa consciência. Mas na atividade ordinária, baste lembrar-vos de que toda a ação (ou omissão) humana cai sob as prescrições da lei natural, dos preceitos positivos de Deus e da autoridade humana competente; tríplice lei que na verdade é uma só, a vontade divina manifestada de diverso modo. Ao jovem rico do Evangelho o Senhor respondeu em poucas palavras: "Se desejas chegar à vida, observa os mandamentos". E à nova pergunta: "Quais?" o Redentor apontou-lhes as bem conhecidas prescrições do Decálogo (Mt 19, 17-20). Assim se pode também aqui dizer: quereis agir retamente na ginástica e no desporto? Observai os mandamentos!

26. Prestai em primeiro lugar a Deus a honra que Lhe é devida, e sobretudo, santificai o dia do Senhor, pois que o desporto não dispensa dos deveres religiosos. "Eu sou o Senhor teu Deus", dizia o Altíssimo no Decálogo; "não tenhas outro Deus fora de mim" (Ex 20, 2-3), isto é, nem sequer o próprio corpo nos exercícios físicos e no desporto: seria quase um regresso ao paganismo. De igual modo, o quarto mandamento (ib. 12) expressão e tutela da harmonia que o Criador quis no seio da família, recorda a fidelidade às obrigações familiares, que se devem pre-

ferir às supostas exigências do desporto e das associações desportivas.

27. Pelos mandamentos divinos é também protegida a vida própria e a alheia, a saúde própria e a alheia, as quais não é lícito expor imprudentemente a sério perigo com a ginástica e o desporto (ib. 13).

28. Deles recebem força também aquelas leis, já conhecidas dos atletas do paganismo, que os desportistas verdadeiros observam justamente como leis invioláveis no jogo e nos desafios, e são outros tantos pontos de honra: franqueza, lealdade, espírito cavalheiresco, pelas quais detestam, como mancha desonrosa, o emprego da astúcia e do engano; estimam e respeitam o bom nome e a honra do adversário tanto como o próprio.

29. O exercício físico torna-se assim como que uma ascese de virtudes humanas e cristãs, ou melhor, devem tornar-se e serem tal, por mais duro que seja o esforço exigido, para que o exercício do desporto se supere a si mesmo, atinja um dos seus objetivos morais, e seja preservado de desvios materialistas, que lhe diminuiriam o valor e a nobreza.

30. Eis em poucas palavras o que significa a fórmula: Quereis agir retamente na ginástica, no jogo e no desporto? Observai os mandamentos — os mandamentos no seu sentido objetivo, simples e claro.

Conclusão

31. Cremos ter-vos exposto o essencial daquilo que a religião e a moral têm a dizer sobre o tema geral do vosso Congresso: "Idade evolutiva e atividade física". Quando se respeita com cuidado o teor religioso e moral do desporto, ele deve entrar na vida do homem como elemento de equilíbrio, de harmonia e de perfeição, e como ajuda eficaz para o cumprimento dos outros deveres. Baseai portanto a vossa alegria na prática correta da ginástica e do desporto. Levai mesmo para o meio do povo a sua benéfica corrente para que prospere cada vez mais a saúde física e

psíquica e se fortifiquem os corpos ao serviço do espírito; sobretudo, enfim, não esqueçais, no meio da agitada e inebriante atividade gímnico-desportiva, aquilo que na vida vale mais do que todo o resto: a alma, a consciência, e, no vértice supremo, Deus.

32. Fazendo votos por que a Providência com a sua graça proteja, enobreça e santifique o desporto e as suas atuações, concedemo-vos de coração, em penhor da Nossa paternal benevolência, a Bênção Apostólica.

ÍNDICE

Introdução 3
Observação preliminar 4
O Corpo 5
A Alma 8
A Prática do Desporto 12
Conclusão 13